



EDITORIAL / EDITORIAL

A PERENE E IRRENUNCIÁVEL TAREFA DE UMA TEOLOGIA LIBERTADORA

The Continual and Indeclinable Task of a Liberating Theology

Eugênio Rivas SJ
Sinivaldo S. Tavares OFM *

“A teologia da libertação segue viva – e isto é muito importante –, e estou praticamente seguro disto, como um movimento irreversível e que não vai ser desterrado jamais da Igreja latino-americana¹. Assim se expressava Juan Luis Segundo há mais de quarenta anos, nos primórdios da Teologia da Libertação (TdL). O que chama a atenção neste pronunciamento quase visceral, uma espécie de grito no Gólgota, é o fato de, desde seus inícios, a TdL se defrontar com crônicas que anunciavam sua morte ou a davam, de fato, como morta. Para esses cronistas, se trataria de uma teologia *non nata*, no sentido literal do termo. Parece que, nesse caso, decretar sua morte equivaleria a não reconhecer sua existência de fato e de direito. Em outras palavras, para não se deixar confrontar pela interpelação posta pela TdL, prefere-se decretar sua morte. Tal expediente acaba, paradoxalmente falando, confirmando a pertinência e a relevância da TdL.

A TdL emerge no bojo daquela efervescência eclesial provocada pelo Vaticano II. Todavia, não é o resultado de uma aplicação do Concílio ao contexto latino-americano, mas fruto da reinterpretação do Vaticano

* Eugenio Rivas é professor de Teologia Fundamental e Sinivaldo S. Tavares é professor de Teologia Sistemática, ambos do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

¹ SEGUNDO, J. L., “Condicionamentos actuales de la reflexión teológica en Latinoamérica”. In: *Liberación y cautiverio*. Debates en torno al método de la teología en América Latina. México 1975, p. 98.

II, a partir da desafiadora realidade eclesial e social da América Latina. Com razão, se disse que a TdL consistiria em uma “recepção criativa do Vaticano II na ótica dos pobres” (L. Boff). Nesse sentido, seria a melhor floração daquela primavera eclesial inaugurada pelo Vaticano II. Por essa razão, a TdL constitui a primeira elaboração teológica, para todos os efeitos, latino-americana. Parafraseando um de seus formuladores, diríamos que a TdL se caracterizaria pela ousada decisão de “beber de seu próprio poço” (G. Gutiérrez). De fato, a gênese da TdL se encontra em sua estreita relação com os movimentos – eclesial, sócio-político e cultural – surgidos na década de 60 do século passado, no Continente latino-americano. Daí a razão dela se apresentar como “uma nova maneira de fazer teologia”. E essa “novidade” se manifesta em um tríplice modo: uma nova relação para com a práxis; uma nova perspectiva a partir da qual discernir os desafios postos pela práxis; uma nova metodologia capaz de unir espiritualidade e método teológico.

Desde o programático *Teologia de la Liberación*. Perspectivas, a teologia é proposta como uma “reflexão crítica da práxis histórica à luz da fé”. Razão pela qual é concebida como “ato segundo” em face da vida e da experiência de fé, “ato primeiro”. Quer, portanto, o objeto da TdL seja a fé (no seio da história) ou antes a própria história (à luz da fé), em ambos os casos, a referência à práxis histórica é imprescindível para a constituição mesma da TdL. A práxis é elevada à condição de “lugar teológico”, com os desdobramentos epistemológicos e metodológicos que esta afirmação comporta. Lugar teológico, aqui, não deve ser entendido no sentido dos clássicos *loci theologici*, de Melchior Cano (1509-1560), mas no sentido daquele lugar a partir do qual os clássicos lugares teológicos da teologia são potencializados ao máximo e, portanto, podem oferecer o melhor de si. A “práxis”, portanto, não seria apenas lugar de compreensão dos dados transmitidos pela tradição através das fontes do conhecimento teológico, mas lugar no qual e a partir do qual esses dados oferecem o melhor de si.

A inserção no “mundo do pobre” e a assunção de sua perspectiva constituem ocasião propícia para o processo de “conversão” no ato mesmo de pensar e de refletir teologicamente. Em âmbito teológico, propõe-se uma atitude de “honestidade intelectual” em face à realidade. Insiste-se na necessidade de se honrar a realidade, pensando-a até suas últimas conseqüências, evitando assim toda espécie de indiferença e de cinismo intelectual e teológico em confronto com o sofrimento dos pobres.

Na raiz desta peculiar relação que a TdL estabelece com a práxis, tão intensa a ponto de produzir no ato mesmo de teologizar uma perspectiva própria, encontra-se, em última análise, uma autêntica experiência espiritual. A experiência do encontro com Cristo no pobre, concebida como síntese da relação circular entre contemplação de Deus e prática de sua vontade, constitui “ato primeiro” com respeito ao “ato segundo”, a teologia. A dis-

tinção entre “ato primeiro” e “ato segundo”, entre vida de fé e discurso teológico, diz respeito não apenas ao âmbito da metodologia teológica, posto não se tratar de uma questão meramente acadêmica. Refere-se primariamente a um estilo de vida caracterizado pelo seguimento de Jesus, por uma maneira de viver a fé segundo as interpelações do Deus bíblico. O vínculo estreito entre espiritualidade e metodologia teológica se encontra, portanto, na base da constituição da TdL latino-americana enquanto tal, pois como afirma Gutiérrez: “*nossa metodologia é nossa espiritualidade*”.

Compreendidos assim, os três elementos que caracterizam a originalidade metodológica e epistemológica da TdL latino-americana estabelecem entre si uma relação de virtuosa circularidade. Em última instância, é essa autêntica experiência espiritual do encontro do Cristo no rosto desfigurado do pobre que desencadeia todo o processo marcado por nova relação para com a práxis e, por conseguinte, da assunção da perspectiva do pobre como pré-compreensão de seu fazer teológico.

A afirmação de Segundo, escolhida para abrir o presente editorial, foi extraída de uma conferência na qual caracterizava a América Latina como um Continente marcado pela repressão eclesial, e por mecanismos repressivos excogitados por governos civis e militares. Tudo isso provocava, em sua opinião, um clima de passividade política gerado pela censura inibidora, no âmbito de qualquer diálogo ideológico ou político. Naquele contexto, a questão fundamental era o que fazer com esta “teologia libertadora” que impulsionaria os cristãos a se comprometer com a libertação do mundo de sua miséria. Segundo reconhecia que esta específica teologia naquela circunstância determinada seria “suicida”. Essa nomenclatura acabou sendo corrigida e substituída por outra mais teológica e cristã: “teologia do martírio”. Essa recolhia, de fato, a experiência/testemunho de uma “multidão” luminosa de cristãos assassinados em nosso Continente por seu compromisso com a caridade e a promoção da justiça. Em outras palavras, a teologia libertadora provocou o martírio e não o suicídio.

Todavia, Segundo já detectava entre os cristãos latino-americanos uma tendência, animada por uma complexidade de fatores, caracterizada pela evasão do compromisso histórico. Percebia-se já a presença de outra maneira de ser cristão, de um cristianismo ignaro ou indiferente às implicações da fé cristã para a vida concreta dos seres humanos na sociedade civil. Estas tendências evasivas podiam já ser identificadas no desvio a um “espiritualismo intimista”.

No contexto atual latino-americano não se pode dizer que a esfera política exerça uma repressão sobre a Igreja nem que os governos estabelecidos sejam repressivos. Porém não podemos negar a existência de uma corrente cultural que relega o exercício pastoral da Igreja e a vida de fé à esfera privada. O assim chamado “retorno do religioso” não constituiria uma

derrota das conquistas seculares, não poucas vezes, alcançadas em luta frontal contra a instituição religiosa? A partir desta perspectiva, aos fiéis é permitido viver de modo intenso sua fé e sua pertença eclesial desde que isso não interfira na vida pública e política da sociedade secular.

Num contexto marcado por desigualdade e exclusão sistêmicas, o empenho em promover a justiça decorrente de uma fé madura e consciente, parece ser relegado a segundo plano. A pobreza e a desigualdade, embora escandalosas, não constituem o problema existencial central que ocupa o ser humano contemporâneo. Desta maneira, aceitamos sem suspeita a afirmação de que a grande miséria humana é a falta de sentido. Teólogos, filósofos e sociólogos, cada qual desde seu próprio campo, argumentam a favor de uma realidade transcendente, a única capaz de resgatar o ser humano do abismo do relativismo e do perigo, sempre ameaçador, dos integristas políticos e religiosos. Toda a teologia de Ratzinger aponta para o perigo de uma sociedade sem Deus e, portanto, refém do fenômeno do relativismo. Habermas, por exemplo, a partir do conceito de criação, reivindica Deus como o único que pode assegurar a liberdade entre iguais. A religião é valorizada cada vez mais em função do papel que desempenha na construção da identidade individual e social, na sua articulação simbólica em torno da pergunta pelo transcendente e pelo sentido da existência. Taylor adverte contra o perigo de instrumentalizar a religião, colocando-a a serviço dos propósitos humanos; o que seria outro modo de se fechar dentro de um quadro imanente.

Desde a ótica do sentido, a questão social e política, que marcou e ainda marca a reflexão teológica da libertação, deixaria de ser relevante? Estaríamos assistindo a uma mudança de paradigma? O que dizer da postura assumida por Alain Touraine de que o modo novo de representar a vida social e coletiva não é mais o social, mas a cultura? Touraine defende o novo paradigma da cultura como caminho de resistência a todas as formas de violência. Não se trata de negar ou de colocar num segundo plano a realidade objetiva, mas de apelar ao novo ator (sujeito pessoal) para fazer frente a esta realidade: “[...] este sujeito consciente de si não se reduz absolutamente a uma atitude de meditação interior, de busca de si mesmo pela eliminação das influências que o mundo exterior exerce sobre o eu; ele se afirma sobretudo lutando contra aquilo que o aliena e o impede de agir em função da construção dele mesmo. O sujeito pessoal luta contra as formas de vida social que tendem a destruí-lo, mas igualmente contra o tipo de individualismo que é manipulado pelo estímulo do mercado e dos programas”².

² TOURAINE, A., *Um novo paradigma. Para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 26.

Portanto, o futuro das reivindicações sociais dependeria deste sujeito pessoal enquanto sua ação não procuraria lucro, poder ou glória, mas a afirmação e a defesa da dignidade de cada ser humano. Em termos análogos, se expressava o jesuíta colombiano Francisco de Roux, no Congresso da SOTER de 2015. Referindo-se à credibilidade da participação eclesial nos movimentos de reivindicações sociais, insistia na imprescindibilidade de deixarmos claro que não nos interessa o poder, mas a defesa da dignidade do ser humano. E remarcava que nos tornaremos credíveis sob a condição de que isso seja percebido.

Reconhecer-se dentro deste novo contexto de recuo do social, da emergência do “sujeito pessoal” ou, atendo-se à formulação de Charles Taylor, da “era da autenticidade”, não significaria relegar as questões propriamente sociais a um segundo plano. Ao contrário, mantendo-se na perspectiva de uma reflexão teológica libertadora, recolocar-se-ia a realidade social como ato primeiro de um segundo ato que é a teologia, segundo a formulação de Gutiérrez. Dessa maneira, “o compromisso da caridade” continua sendo o âmago de nossa fé, uma fé que age pela caridade (Gl 5, 6).

Nesse sentido, como gostava de frisar João Batista Libanio, as intuições básicas e a metodologia específica da TdL foram sendo aos poucos incorporadas por outras teologias e pelo próprio Magistério. Simultaneamente suas raízes foram se aprofundando nos terrenos específicos das minorias pobres e oprimidas do Continente latino-americano e de outras latitudes. Trata-se de uma expansão e consolidação mediante um processo que poderíamos chamar de “desdobramento de paradigma”. Um exemplo claro dessa atitude se observa na sensibilidade crescente com respeito ao âmbito da cultura. A proposta de inculturar o Evangelho nas diversas culturas presentes no Continente surgiu como alternativa à proposta de se criar uma cultura cristã para fazer frente à cultura moderna secular. Recentemente, tem-se forjado outros termos para se referir à complexa relação envolvendo evangelho e culturas: “diálogo intercultural” ou “interculturalidade”. Nesse contexto, inserem-se as reflexões relacionadas à “hermenêutica intercultural” e/ou ao “pensamento descolonial”.

Ainda no bojo desse processo de desdobramento de paradigmas, situa-se a crescente sensibilidade com a relação existente entre a libertação do pobre e excluído e a questão ecológica. Nesse contexto, insere-se o esforço de articular o grito do pobre com o grito da Terra. Três outras questões têm sido explicitadas e aprofundadas sempre mais no âmbito da TdL: o gênero em teologia, o diálogo inter-religioso e o paradigma hegemônico do mercado, da tecnociência e da mídia.

Mais recentemente, através da realização do “Fórum Mundial de Teologia e Libertação”, inserido no contexto maior do Fórum Social Mundial, pôde-se perceber a peculiar vitalidade da TdL enquanto presença rizomática

no seio das várias expressões do movimento social e popular do inteiro Planeta: o primeiro se deu em Porto Alegre (2006), o segundo em Nairobi (2007), o terceiro em Belém (2011) e os dois últimos em Túnis (2013 e 2015).

Como um afluente que leva ao rio principal suas águas, a TdL latino-americana continua oferecendo sua contribuição específica à teologia cristã global. Entretanto, mesmo incorporada de maneira orgânica à teologia global, a TdL mantém sua peculiaridade epistemológica e temática, inserindo-se ativamente no processo de um legítimo pluralismo teológico. Sua maneira peculiar de se inserir na harmoniosa sinfonia da teologia cristã consiste em manter viva a imprescindibilidade de se resgatar a dimensão sócio-libertadora da fé, cujos protagonistas são, sobretudo, os pobres e os excluídos.

Certa vez, indagado acerca da presumível agonia da TdL, o Cardeal Aloísio Lorscheider, de saudosa memória, assim respondeu: “Onde houver pobres e excluídos e ali for anunciado o Evangelho de nosso senhor Jesus Cristo, sempre haverá lugar para uma teologia da libertação”.